



Corpus, texto e gênero em interação em *Semântica estrutural*

Driss Ablali *

Tradução de Alexandre Marcelo Bueno **

Resumo: Esta contribuição foca exclusivamente sobre a especificidade do projeto semiótico desenvolvido e *Semântica Estrutural* de Greimas, projeto que é preciso distinguir do restante da obra do semioticista. Trata-se, resumidamente, de estabelecer que o gesto fundador dessa obra, tanto do ponto de vista epistemológico como heurístico, repousa sobre três categorias descritivas (texto, gênero e corpus) que abrem as linhas não de uma semiótica do texto ou do discurso, mas de uma semântica de corpus.

Palavras-chave: semiótica, semântica estrutural, texto, gênero, corpus

Preâmbulos

O que vamos tentar mostrar nesta contribuição foca sobre a especificidade do projeto semiótico dada pelas mais de trezentas páginas de *Semântica Estrutural* (1976 [1966]), doravante *SE*, um projeto inacabado – em oposição ao que será desenvolvido a partir de *Sobre o Sentido* (1975 [1970]), acompanhado de renúncias ou de “rigores teóricos” –, de uma semântica de corpus, separada da ontologia, da percepção e do mundo sensível e ancorada em uma reflexão textual indissociável dos gêneros do discurso.

Para descrever a coerência intelectual do projeto de *SE* a partir de três categorias descritivas (corpus, texto e gênero), procedemos em três etapas: a primeira parte centra-se essencialmente sobre a questão do *corpus*, conceito raramente, para não dizer jamais, associado a Greimas; a segunda tratará da concepção holística do sentido, tal como ela é localizada em *SE* graças à articulação texto/corpus; a terceira, na esteira das duas anteriores, mostrará que existe em *SE*, ao contrário do que ainda se pensa, uma reflexão semiótica sobre a categoria de gênero, indispensável à categoria da narrativa.

1 A questão dos dados: das variáveis ao *corpus*

Como se discernirá a seguir, *SE* é um projeto semiótico não do texto ou do discurso, mas do corpus. Sem dúvida, é importante, antes de chegar ao destino reservado por Greimas a essas três noções (texto, fala, corpus), lançar um olhar sobre sua fortuna em *SE* e, por essa linha, arriscar uma maneira de apreciação de sua teoria semântica de corpus. Apesar de numerosas críticas, nem sempre fundamentadas, a reflexão de Greimas sobre a natureza dos observáveis, para descrever a significação, foi frequentemente associada em *SE* ao corpus e às condições de sua constituição. Parece, no entanto, que atualmente os trabalhos sobre corpus prescindem facilmente da referência à *SE*. É preciso, contudo, fazer uma correção a essa constatação: se Greimas é negligenciado por especialistas em linguística ou em linguística de ou sobre corpus, seria necessário, sem dúvida, corrigir o equívoco ao lembrar que a palavra “corpus” é usada 109 vezes em *SE*. O desafio não é insignificante. Pelo menos, é isso o que vemos nos seguintes comentários: desde a primeira ocorrência na página 58¹. (“Tomamos a liberdade de

* Membro do Centre de Recherche sur les Médiations (CREM) e professor da Universidade de Lorraine (França), onde leciona semiótica, linguística textual e discursiva no Departamento de Ciências da Linguagem. Endereço para correspondência: (driss.ablali@univ-lorraine.fr).

** Professor do Programa de Mestrado em Linguística da Universidade de Franca (UNIFRAN). Endereço para correspondência: (alexandrebuono@gmail.com).

¹ N. T. : As citações e as referências são da tradução brasileira de *Semântica Estrutural*

dividir *esse corpus* como nos apraz”), vê-se claramente a orientação que Greimas queria dar ao projeto semiótico: o de construir uma teoria semântica objetiva. Os dados a serem analisados devem ser organizados, segundo Greimas, de acordo com critérios linguísticos e extra-linguísticos bem fundamentados, dentre eles os critérios de “homogeneidade” e de “representatividade”.

Deve-se enfatizar que, na década de 1960, a palavra “corpus” ainda não fazia parte das preocupações dos linguistas. Seria preciso esperar, na França, o final dos anos 1970 para ver a aparição, em linguística francesa, particularmente no contexto da análise do discurso, de uma nova tendência oficializada pela eclosão de trabalhos que visavam explicitamente a tirar a disciplina do jugo frasal. Antes de tentar entender as razões para privilegiar o corpus sobre outros tipos de dados, como a frase, o texto e o discurso, lembremos as delicadas questões relacionadas às dificuldades de arbitrar as escolhas para conservar ou rejeitar textos em um corpus. Para Greimas, na constituição de um corpus, não se trata de considerar um dado conjunto de textos sem qualquer relação entre eles. Conhecendo esse estado de coisas, Greimas vai estabelecer o que ele chama de “homogeneidade não linguística do corpus” (p. 126), necessária à constituição de dados. O corpus não é uma simples justaposição de fragmentos independentes e díspares, sua constituição, segundo Greimas, deve obedecer a critérios de seleção bem definidos para constituir uma entidade “homogênea” que ele define assim: “Vemos bem o que se cumpre entender, nesse caso preciso, por *homogeneidade não linguística do corpus*; o que permite reunir umas cinquenta respostas individuais em corpus coletivo é um conjunto de caracteres comuns aos testados: o fato de pertencerem à mesma comunidade linguística, à mesma faixa de idade; é também o mesmo nível cultural, a mesma ‘situação de testados’” (Greimas, 1976, p. 126). Atesta-o de modo incontestável em fórmulas como: “A *homogeneidade* do corpus parece depender [...] de um conjunto de condições não linguísticas, de um *parâmetro de situação* relativo às variações apreensíveis, quer ao nível dos locutores, quer ao nível do volume da comunicação” (Greimas, 1976, p. 189).

Greimas está consciente do impacto dos dados coletados sobre os resultados da análise e ele observa que a análise dos dados textuais depende, de modo capital, das escolhas iniciais dos componentes do corpus que asseguram à análise uma base essencial. É o que o semiótico diz com franqueza:

O caráter idioletoal dos textos individuais não nos permite esquecer o aspecto eminentemente social da comunicação humana. É preciso, pois, ampliar o problema colo-

² É o título do primeiro capítulo de *Semântica Estrutural*.

³ Tradução nossa para o trecho original: « La plus simple manière d'éluider la question consiste à considérer le texte comme un signe. C'est la solution que choisissent Peirce, comme Greimas ou Eco (cf. 1988, p. 32, « le Message équivaut au Signe »); cette esquivé fait évidemment peu de cas de la différence de niveau de complexité entre le signe et le texte, mais surtout empêche de penser l'incidence du global sur le local, em l'occurrence du texte sur chacun des signes qui le composent. »

cando como princípio que um certo número de textos individuais, com a condição de serem escolhidos segundo *critérios não linguísticos que garantam sua homogeneidade*, podem ser constituídos em corpus e que este corpus poderá ser considerado como suficientemente isotópico. (Greimas, 1976, p. 125, grifo nosso)

Encontra-se assim constituído um conjunto de objetos semióticos que diz claramente que o projeto intelectual de *SE* não se limita aos signos, nem à frase, nem mesmo ao texto. Uma leitura atenta nos mostra que o semiótico deve ultrapassar o texto a fim de poder construir um corpus, como um universo semiótico mais amplo no qual cada elemento encontra seu valor semântico. Entre “As condições de uma semântica científica”² colocadas por Greimas, há o gesto de considerar o signo como parte da frase, a frase como trecho de um texto e o texto como amostra de um corpus. Sobre esse ponto, pode-se somente de modo parcial compartilhar a crítica de F. Rastier (1997), quando ele reprova em Greimas a sua concepção de texto como um signo:

A maneira mais simples de evitar a questão é considerar o texto como um signo. Essa é a solução escolhida por Peirce, por Greimas ou Eco (cf. 1988, p. 32: “A Mensagem equivale ao Signo”). Essa concepção, evidentemente, faz pouco caso da diferença de nível de complexidade entre o signo e o texto, mas principalmente nos impede de pensar o impacto do global no local, na ocorrência do texto sobre cada um dos signos que o compõem. (Rastier, 1997, p. 150)³

Por que “de modo parcial”? Pois é necessário adicionar a essa observação algumas precisões. Sim, é verdade que Greimas e a chamada “Escola de Paris” não cedem nenhum espaço no interior do percurso gerativo aos patamares superiores ao texto, mas o projeto de *SE* não é, ao nível das categorias de análise, o mesmo dos trabalhos posteriores. Greimas é completamente rastieriano em *SE* e Rastier, em relação ao projeto de *SE*, é greimasiano ao extremo, como se verá abaixo. Os dois aqui estão em completo acordo

Voltemos a *SE* e o sigamos um pouco mais para sublinhar que o semiótico nunca concebe o texto como o único produto do uso do sistema linguístico, mas como a interação entre esse sistema e outras normas. Greimas assim lucidamente formulou:

(...) o que permite reunir umas cinquenta respostas individuais em corpus coletivo é um conjunto de caracteres comuns aos testados: o fato de pertencerem à mesma comunidade linguística, à mesma faixa de idade; é também o mesmo nível cultural, a mesma “situação de testados”. (Greimas, 1976, p. 126)

Não se pode, portanto, dizer que não há reflexão semiótica sobre o corpus em *SE*. Greimas dedica-lhe uma seção intitulada “A constituição do corpus”, na

qual se lê explicitamente como o semiótico concebe a questão da relação entre as dimensões global e local na análise do texto, introduzindo, pela primeira vez na história das teorias textuais e discursivas, fatores de complexificação do significado que mostram que o computador não inventou o corpus. Quatro categorias semióticas são instauradas para definir o significado em sua dimensão transfrástica (no interior de um único texto) e em sua dimensão intertextual (de um texto para outro dentro de um corpus): “corpus”, “discurso”, “texto” e “gênero”. Quatro patamares são colocados com a necessidade de os distinguir para melhor articulá-los. Escolhemos essa passagem entre as mais explícitas:

O procedimento que, logicamente, segue a constituição do *corpus* consiste na transformação do *corpus* em *texto*. O *corpus*, de fato, é uma sequência delimitada do *discurso* e, como tal, só pode ser uma manifestação logomáquica, da qual é preciso reter apenas uma das isotopias escolhidas. Entendemos, pois, por *texto* (e também por *metatexto*) o conjunto dos elementos de significação que estão situados na isotopia escolhida e estão cercados dentro dos limites do *corpus*. (Greimas, 1976, p. 190, grifo nosso)

De início, um fato aqui é notável: Greimas se opõe à ideia de uma composicionalidade da significação. Não se constrói a significação frase a frase, muito menos signo a signo, como gostaria toda a tradição formal, mas por vínculos associativos estabelecidos por diferentes operações linguísticas que permitem revelar diferentes aspectos dos conteúdos semânticos. Há efeitos de semas, de isotopias de ações narrativas, não apenas no interior de um único texto, mas entre diferentes textos de um mesmo corpus. Uma dimensão intertextual, escondida pela linearidade, aparece aqui, sobre a qual repousa o aspecto holístico da significação que se constrói como uma totalidade e que é mais do que a soma de suas partes. De fato, nenhum texto, para Greimas, é percebido isoladamente. O acesso à significação se perfila a outros textos nas zonas de localidade, concorrendo diretamente para a construção das condições de significância. Como se pode ler em várias passagens de SE, o sistema linguístico é insuficiente para dar conta das regularidades semânticas de um fenômeno qualquer. Desenha-se aqui, sem equívoco, a determinação do corpus sobre o texto, do “global” sobre o “local”. Greimas admite assim que os procedimentos para descrever os modos de existência e de manifestação do universo semântico devem considerar as relações texto a texto, o que só é possível dentro de um corpus. Greimas o explica com lucidez:

Resulta daí que, se os atores podem ser instituídos dentro de um conto-ocorrência, os atuantes, que são classes de atores, não podem sê-lo senão a partir do *corpus* de todos os contos: uma articulação de atores constitui um conto particular; uma estrutura de atuantes, um *gênero*. (1976, p. 228-229, grifo nosso)

Essa correlação redundante em SE entre descrições textuais locais e descrição global em corpus permite compreender o desafio da articulação entre a problemática do signo e a problemática do corpus, sempre ligando o primeiro ao segundo. Recordemos aqui que Bernanos não é o único corpus descrito por Greimas. Outros tipos de discurso estão submetidos ao bisturi da análise semiótica, uma análise que sempre privilegia a dimensão global da significação. Antes de toda análise semântica, uma fase preliminar se impõe para o semiótico: a constituição do corpus. Em outras palavras, para Greimas, nenhum texto é considerado sozinho: não há o sentido do texto, mas o sentido dos textos. Essa é a aposta epistemológica mais valiosa de SE: ligar todos os observáveis a analisar no corpus como uma instância global. Esse é o caso do “conto popular” (Greimas, 1976, p. 193), da “narrativa psicodramática” (p. 277), do “dicionário *Littre*” (p. 58), do “espetáculo dramático” (p. 231), do “jogo de xadrez” (p. 240), de “um questionário” coletado junto a estudantes de filologia da Universidade de Poitiers (p. 125), que mostra que os corpora textuais são a verdadeira atividade do semiótico. E nessa concepção de corpus ou de corpora, se está muito distante do que Rastier (2010, p. 35) chama de uma concepção “lógico-gramatical” em que “o corpus se resume a uma amostra da língua, um reservatório de exemplos ou comprovações”. Greimas desenvolve aqui uma concepção “retórica-hermenêutica” que “tem em conta as relações de texto a texto, o que só é possível no interior de um discurso” (idem). A passagem que se lerá abaixo faz de Greimas uma espécie de precursor indiscutível de uma semântica de corpus, isso no momento em que as pesquisas semânticas e linguísticas, nos anos 1960, relegavam o corpus a um segundo plano em proveito de exemplos e de frases separados de seu campo contextual e discursivo. Essas questões, sobretudo, mostram que o termo corpus, para Greimas, é o único observatório de língua em que se constrói a significação de semas, de actantes e de figuras. E essa passagem está claramente no espírito das distinções que faz atualmente Rastier entre “corpus de referência”, “corpus de estudo” e “corpus virtual” (2010, p. 16); daí a pluralidade de realidades que se designa sob a pluma de Greimas:

A questão prática assim proposta é saber qual significação é preciso atribuir respectivamente aos três corpus possíveis: o corpus que tem *as dimensões de um romance*, o corpus *da totalidade dos escritos de Bernanos*, e, finalmente, o corpus *de todos os romances de uma sociedade e de um período histórico dados*, e quais as correlações estruturais que podemos razoavelmente esperar encontrar entre os modelos que possamos explicitar a partir de tais corpus. (1976, p. 194, grifo nosso)

Para as bases heurísticas do projeto científico de SE, as consequências dessas escolhas são evidentes: afirmar que “a significação não pré-existe ao discurso”

(1976, p. 45) é afirmar que não pode haver semântica sem corpus. Segundo Greimas (1976, p. 47), “nenhum sema ou categoria sêmica, mesmo que sua denominação tenha sido tomada emprestada da língua francesa, é, em princípio, idêntica a um lexema manifestado no discurso”. Ou, conforme ele diz um pouco mais adiante: “O discurso, considerado como a manifestação da linguagem, é, como vimos, a única fonte de informações sobre as significações imanentes a essa linguagem” (p. 53).

Mas Greimas não insiste sobre o impacto do corpus no acesso à significação, contudo, zela igualmente sobre as delimitações e critérios definidores do corpus textual, enquanto entidades, para que sejam repensados. É preciso, então, modos de coesão para que um conjunto de textos possa constituir um corpus textual. É isso o que ele deixa entrever na passagem seguinte:

Certo número de precauções e conselhos práticos devem, pois, cercar essa escolha, a fim de reduzir, tanto quanto possível, a parte de subjetividade que aí se manifesta. Diremos que um corpus, para ser bem constituído, deve satisfazer a três condições: ser *representativo*, *exaustivo*, e *homogêneo*. (Greimas, 1976, p. 187)

E algumas linhas antes a questão se confirma: “Constituir um corpus não significa, portanto, simplesmente preparar-se para a descrição, pois dessa escolha prévia depende, em definitivo, o valor da descrição, e, inversamente, não se pode aferir o valor do corpus senão quando terminada a descrição” (Greimas, 1976, p. 187).

Essa concepção de corpus, que permanecerá como uma exclusividade de *SE*, prefigura o que se lerá meio século mais tarde em *La mesure et le grain* (2010), de Rastier. Os mesmos critérios adiantados por Greimas em 1976 [1966] são hoje indispensáveis na configuração de uma massa de dados como corpus. A passagem seguinte está claramente na esteira e no prolongamento da reflexão de Greimas sobre o estatuto e o peso dos dados constituídos. Sem considerar aqui a evolução da reflexão de Greimas, é preciso citar o seguinte fragmento decisivo de Rastier:

A própria noção de corpus deve ser refinada, porque um corpus não é um conjunto de dados, e menos ainda uma coleção sem princípio definido aparentado pelo nome de recurso linguístico: como sempre nas ciências da cultura, o ponto de vista que preside a constituição de um corpus condiciona naturalmente as pesquisas subsequentes. Se a *representatividade* de um corpus não tem nada de objetiva e depende do tipo de exploração

prevista, sua *homogeneidade* depende também do tipo de pesquisa. (Rastier, 2010, p. 80)

E para retornar à quarta categoria, anunciada anteriormente, a do gênero, sempre em relação aos patamares de globalidade superiores ao texto, podemos lembrar que em todos os corpus descritos ou evocados em *SE*, Greimas não se esquece de relacionar gênero e significação.

2 Gêneros textuais e patamares de complexidade textual

A figura de Greimas sempre foi associada, na esteira de L. Hjelmslev, com a questão do texto. Ou, como tentamos mostrar anteriormente, em *SE* não há texto sem corpus. Ao nível dos dados da análise, o texto em si não existe. É sua inscrição em um corpus que lhe dá o estatuto de observável e esse estatuto é frequentemente evocado por Greimas em *SE*, em conexão direta com a noção de “gênero”. Tem-se constantemente criticado a semiótica por ter feito do gênero o impensado de sua teoria da significação, assim como escreveu aliás Greimas e Courtés no *Dicionário da Semiótica*, alegando que ela é “fundada em postulados ideológicos implícitos” (Greimas e Courtés, 2008, p. 228). Mais uma vez, deve-se claramente distinguir o projeto semiótico próprio de *SE* das novas perspectivas que tomaram o projeto semiótico em seu conjunto depois de 1966.

Por que essa distinção? Por duas razões diretamente relacionadas à categoria do gênero. Antes de as detalhar, salientemos inicialmente que essa categoria retorna uma centena de vezes em *SE*, enquanto ela está completamente ausente em outras análises semióticas de Greimas (de *Maupassant* (1993 [1976]) a *Semiótica de paixões* (1993 [1991]), passando por “*A soupe au pistou* ou a construção de um objeto de valor” (2014 [1979]) e *Da Imperfeição* (2002 [1987])).

A primeira razão diz respeito ao lugar da variável “gênero” na constituição do corpus, que deve ser construído, para satisfazer o princípio da homogeneidade, segundo certas variáveis que permitem comparar conjuntos textuais diferentes. Nessa concepção de corpus, como mostra o diagrama a seguir (cf. Figura 1), que distingue vários níveis de complexidade, a variável gênero é incontornável em uma descrição holística do sentido:

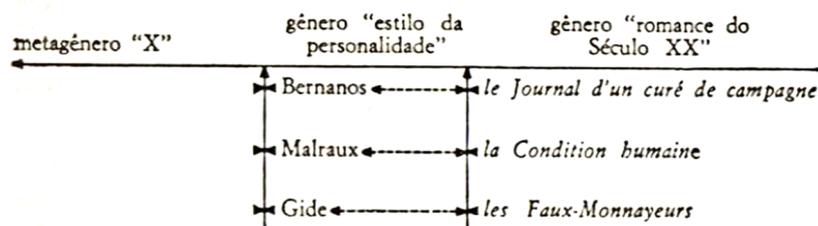


Figura 1: Fonte: Greimas, 1976, p. 194.

Gide, Malraux e Bernanos não escreveram romances ou, se Greimas os inclui juntos nesse esquema, é porque eles escreveram no mesmo gênero, o romance, e porque, em seguida, eles escreveram romances que datam aproximadamente da mesma época. Visando unicamente aos romances do século 20, e não ao romance em geral, Greimas mostra claramente sua sensibilidade para com o caráter diacrônico dos gêneros, que estão em constante evolução, em sincronia e em diacronia. Esse agrupamento de seus textos, para formar um corpus, deve levar em consideração uma variável mais englobante do que a variável “autor”, considerada menos representativa que a do gênero, daí a necessidade de contrastar textos de autores diferentes, mas abrangendo uma mesma categoria genérica. O segundo ponto do esquema sobre o qual gostaríamos de insistir diz respeito à dimensão cultural do gênero. A análise de um corpus de textos pertencentes ao mesmo gênero nos ensina, segundo Greimas, sobre dois pontos: o primeiro refere-se aos tipos de atividades linguísticas próprias à cada romancista, o que ele chama de “gênero ‘estilo’ de personalidade”; o segundo, sobre o gênero romance na sociedade francesa do século XX. Greimas parte aqui de três textos (*Les Faux-Monnayeurs* (1925), de Gide; *La Condition Humaine* (1933), de Malraux; e *Le Journal d’un curé de campagne* (1936), de Bernanos), para descrever o que ele chama de “metagênero”, que nada mais é do que “um inventário de gêneros característicos de uma determinada comunidade linguística ou cultural” (Greimas, 1976, p. 195). A questão dos gêneros é tão crucial que toda modalização semântica da estrutura da narrativa depende dela. Em outras palavras, Greimas se apoia na análise dos gêneros em corpus para mostrar a especificidade da narrativa de cada gênero, uma especificidade que será necessária para o estabelecimento da narrativa de todos os gêneros textuais. Ao relacionar as especificidades genéricas dos textos às invariantes actanciais, temáticas e figurativas, as análises de Greimas tentam fixar, em um corpo de princípios epistemológicos, as regras da narrativa. Partir do gênero “narrativa-conto”, como “narrativa-ocorrência” (Greimas, 1976, p. 281-282), em direção a um “metagênero”, definido como uma concatenação de micro-narrativas genéricas.

Sobre esses dois pontos, pode-se censurar o Greimas de *SE*, exceto o esquecimento da categoria do gênero, dado o papel determinante que essa categoria desempenha na modalização da estrutura global da narrativa, como aponta esta passagem:

[...] se um inventário de modelos é uma etapa em direção à construção de um gênero de modelos, a descrição pode muito bem visar ao estabelecimento de um texto que seria um inventário de gêneros. Na medida em que se consiga, por exemplo, definir o conto popular como um gênero, o inventário de todos os gêneros comparáveis pode dar lugar à descrição de um meta-gênero comum, que seria a narrativa, considerada em sua generalidade, ou um subconjunto qualquer de narrativas. (Greimas, 1976, p. 193)

Não é apenas a estrutura da narrativa do texto que conta aos olhos de Greimas, mas a estrutura do gênero. A análise do gênero deve conduzir ao estabelecimento da narrativa e a narrativa, como “uma estrutura de significação única” (Greimas, 1976, p. 277-278), é a consequência da análise contrastiva dos gêneros entre eles. O gênero de textos tem em suma a precedência sobre todas as outras variáveis, em vista de tornar os modelos descritivos generalizáveis, daí a multiplicidade dos gêneros descritos, evocados ou citados em *SE*: “contos populares russos” (p. 193); “histórias policiais, contos chineses, narrativas de espionagens” (p. 278); “psicodrama analítico” (p. 277); “obras teatrais” (p. 229); “[...] narrativas mais longas, em verso ou em prosa [...] Moisés de Vigny, [...] *A Peste* de Camus” (p. 130); “espetáculo dramático” (p. 231); “poesia” (p. 79); “gênero literário” (p. 95).

Uma estrutura narrativa deve levar em conta a incidência dos gêneros sobre as codificações semânticas, actanciais e figurativas. Pois, Greimas insiste: “A semântica, que se pretende uma ciência humana, procura descrever valores e não postulá-los” (1976, p. 79). E, nessa descrição, a análise da narrativa é conduzida de maneira a poder formular regras cuja aplicação é condicionada pela incidência do gênero sobre o texto. Aqui, uma observação se impõe: quando Greimas evoca os textos analisados ou a analisar, ele os nomeia frequentemente por seu gênero, não pelo seu título. É, por exemplo, o conto popular russo que ele cita e não um conto específico. Com o romance, ele fala do “romance de Bernanos, e não do romance

em geral”, como ele insiste, em suas descrições, sempre sobre o tema do romance, sobre os “romances de uma sociedade”, de “um período histórico dado”, de “romances do século XX”, “romances-ocorrências”. O gênero está no cerne da modalização da estrutura da narrativa. Essas são modalizações parciais de cada gênero que formam uma coalizão e desenham, portanto, a estrutura global da narrativa como um “metagênero”. A força heurística dessa diligência se mantém no que ela possibilita de partir das regularidades observadas em um corpus para unificar pelas normas definidas no interior de uma classe de gênero invariantes multi-níveis: o gênero aqui é o que retém e qualifica os dados reunidos para restituir a complexidade da narrativa de todos os gêneros. Ao nível da coleta massiva de dados, Greimas não pode prescindir do gênero, pois não pode prescindir disso para construir o “modelo de organização acrônica de conteúdos, que nos encontramos, assim, em domínios muito distanciados uns dos outros” (1976, p. 302).

Como se percebeu anteriormente em diferentes passagens de *SE*, a análise da narrativa não está prevista sem a complementaridade dos patamares mais altos, como o texto, o gênero e o corpus. Para construir uma teoria da narrativa, o texto sozinho, separado dos outros patamares, não faz sentido aos olhos de Greimas. Daí, inevitavelmente, uma questão: o que é essa complementaridade nos outros escritos de Greimas depois de *SE*? Damos a resposta imediatamente: nas análises de *Maupassant* (1993 [1976]), até “*A soupe au pistou* ou a construção de um objeto de valor” (2014 [1979]), não há mais lugar para a complexidade dos níveis superiores ao texto na análise da estrutura das narrativas. É nesse ponto que se pode lembrar que o trabalho sobre *Maupassant* refere-se apenas a uma novela, *Les Deux Amis*, de que a análise de uma receita de cozinha se refere apenas a um único texto, a “*soupe au pistou*”. Esse modo de analisar textos anuncia, da parte de Greimas, uma abordagem completamente diferente, que postula, com efeito, que o texto é o único nível de complexidade superior que comanda os níveis mais baixos como o narrativo, o figurativo, o temático e o enunciativo. Centrando a análise em um único texto, Greimas renuncia à articulação estreita entre texto e corpus, que, no entanto, ele estabeleceu de maneira arrazoada em *SE*. Se se tratasse aqui de fazer a história detalhada da evolução, sobre esses pontos, do pensamento de Greimas, seria preciso localizar uma importante modificação de sua visão sobre a relação entre texto, gênero e corpus e, conseqüentemente, do projeto semiótico em seu conjunto.

Em *Sobre o sentido* (1975 [1970]), livro publicado quatro anos depois da *SE*, e que reúne artigos escritos desde 1966, vê-se aparecer uma concepção do texto que mostra que o sentido não precisa mais de uma configuração textual em vários patamares para ser

descrita. Como se lê na introdução de *Sobre o sentido*, a formalização torna-se a via real para a análise dos textos: “É através de uma via estreita, entre duas competências indiscutíveis – a filosófica e a lógico-matemática –, que o semiotista é obrigado a conduzir sua pesquisa sobre o sentido” (Greimas, 1975, p. 12). E essa indagação sobre o sentido é apenas definida em *Sobre o sentido* para descrever o texto, o texto sozinho, e não os textos agrupados em função de seu pertencimento a um ou a outro gênero, como se viu anteriormente em *SE*. Greimas aqui situa o sentido no texto e não na interação entre os diferentes textos do corpus. Essa hipótese é confirmada em *Maupassant* que resulta da análise de uma única novela literária. Passa-se assim da significação de um actante, de uma figura ou um sema descrito a partir de um corpus para uma concepção da significação que apreende o texto como um “universo fechado”. Citemo-lo: “Não deixa de ser menos verdadeiro o fato de que certos valores figurativos que procuraremos descrever possam ser apreendidos graças à sua recorrência no texto fechado [...]” (Greimas, 1993, p. 52, grifo nosso).

Somente o texto, aos olhos de Greimas, faz, então, sentido. Os outros patamares de complexidade, evocados em *SE*, já não são citados na análise de contos literários, de receitas de culinária ou das paixões, como o desafio ou a cólera. A consideração central, em toda análise de Greimas sobre os discursos literários, antropológicos, arquitetônicos e pictóricos, dos dados relativos ao texto sozinho são imediatamente índices não enganosos de uma concepção do sentido e da significação que só quer conhecer estritamente as relações próximas que os actantes e os atores, os semas e as figuras têm entre eles no interior de uma configuração textual fechada, independentemente de qualquer outro pertencimento, quer se trate do corpus ou do gênero. Então, se *Semântica Estrutural* impõe na análise uma unidade global maior do que o texto, em “*Deux amis*”, de *Maupassant*, Greimas segue os semas e as figuras passo a passo em seu ambiente imediato, favorecendo um retorno ao texto que ignora as ligações estabelecidas entre “*Deux amis*” e as outras novelas de *Maupassant*. Isso permite identificar a concepção que Greimas atribui ao sentido, querendo considerar essa noção nas relações de vizinhança observadas em um quadro estreito e limitado. Esse postulado não está explicitamente formulado nas análises de Greimas, mas está pressuposto pelo modo como o problema é tratado. Convém precisá-lo. É no *Dicionário de Semiótica* (2008 [1979]) que aparece de modo completo a concepção greimasiana da análise de textos. No que se refere à noção de gênero, vê-se surgir o problema: ao contrário de outras entradas no *Dicionário*, o gênero não é definido por Greimas e Courtés como um conceito seminal da semiótica. Pelo menos é o que aparece na entrada em questão. E em muitos outros. Pois, ao contrário

dos postulados de *SE* que vinculam texto, gênero e corpus, o primado é claramente concedido, a partir dos anos 1970, à estrutura específica do texto. Além disso, a entrada "gênero" no dicionário faz completamente *tabula rasa* dos postulados mais importantes de *SE*: a entrada do "gênero" é definida de maneira tão generalizada que a exclui do sistema conceptual da semiótica.

Desenvolve-se os grandes eixos da chamada "teoria do gênero em um contexto cultural europeu" (Greimas; Courtés, 2008, p. 228), mas sem vinculá-la aos níveis das unidades globais da descrição do sentido, que são o corpus e o discurso, como foi o caso em *SE*. Esse é também o caso da entrada "corpus": os autores, após terem lembrado suas diferentes acepções na linguística, querem mostrar que se trata de uma noção operatória, não somente para teorias sintáticas, mas também semânticas:

[...] poder-se-á, então, falar de *corpus sintagmáticos* (conjunto de textos de um autor) ou de *corpus paradigmáticos* (conjunto de variantes de um conto), sempre levando em conta o fato de que eles nunca são fechados nem exaustivos, mas representativos apenas e de que os modelos com cuja ajuda se procurará explicá-los serão hipotéticos, projetivos e preditivos. (Greimas; Courtés, 2008, p. 105)

Ou ao nível da análise de Greimas, desde *Maupassant* à "A soupe au pistou", apenas as relações em um único texto têm sentido. O texto é assim percebido isoladamente, separado dos outros textos do corpus em relação aos quais ele toma sentido. Além disso, nas sub-entradas de "corpus", Greimas e Courtés (2008) não voltam nem ao discurso, nem ao gênero nem ao texto. As noções de "geratividade", "léxico" e "verificação" são as remissões dessa entrada. As apostas não são insignificantes, pois se trata aqui de separar o texto de seus contornos e de seus níveis superiores para defender uma concepção imanentista do sentido. Os textos são, assim, confinados à sua lógica interna, separados das determinações exógenas. Como tal, todos os avanços teóricos e epistemológicos de *SE* permaneceram para Greimas na etapa de virtualização. Isso resultou, em Greimas e nos greimasianos, a ideia da autonomia total dos signos que advoga pela unicidade do sentido, como Rastier (1994, p. 6) recorda com razão nesta passagem: "Parece-nos que o texto em si não existe, e que a textualidade é uma abstração (como é o caso da linguagem). [...] Os universais nessa matéria são apenas [...] universais de método que parecem úteis para descrever discursos, gêneros e textos"⁴. E o partido que toma Rastier no momento em que ele

se propõe, no final dos anos 1980, e na continuidade de seus trabalhos das décadas anteriores⁵, de estudar o sentido dos textos na linha de *SE* de Greimas, Pottier e Coseriu, considerando as determinações do global (corpus, discurso, gênero, texto) sobre o local (signo). É a semântica de Rastier que desenvolverá, portanto, as iniciativas e o legado de *Semântica Estrutural* de Greimas, um livro "cujo programa não foi ainda suficientemente desenvolvido" (Rastier, 2008, p. 2)⁶. ●

Referências

- Ablali, Driss.
2003. *La sémiotique du texte*. Paris: L'Harmattan.
- Ablali, Driss.
2013. Malaise dans les frontières. In: Normand, Claudine; Sofia, Estanislao (dir.). *Espaces théoriques du langage*. Des parallèles flous. Bruxelles: Académia. pp. 301-313.
- Ablali, Driss; Dominique, Ducard (éds.).
2009. *Vocabulaire des études sémiotiques et sémiologiques*. Paris: Champion.
- Dosse, François.
1992. *Histoire du structuralisme II*. Paris: La Découverte.
- Eco, Umberto.
1988. *Sémiotique et philosophie du langage*. Paris: PUF.
- Greimas, Algirdas Julien.
1966. *Sémantique structurale*. Paris: PUF.
- Greimas, Algirdas Julien.
1976. *Semântica estrutural*. Trad. Haqira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix/EDUSP.
- Greimas, Algirdas Julien.
1970. *Du Sens*. Paris: Seuil.
- Greimas, Algirdas Julien.
1975. *Sobre o sentido*. Trad. Ana Cristina Cruz Cezar et alli. Petrópolis: Vozes.
- Greimas, Algirdas Julien.
1983. *Du Sens II*. Paris: Seuil.

⁴ Tradução nossa para o trecho original: « Il nous semble que le texte en soit n'existe pas, et que la textualité est une abstraction (comme d'ailleurs le langage). [...] Les universaux en la matière ne sont que [...] des universaux de méthode qui paraissent utiles pour décrire les discours, les genres et les textes. »

⁵ Principalmente *La signification chez Mallarmé* (1966), "Les niveaux d'ambiguïté des structures narratives" (1971), retomado em *Essais de sémiotique discursive* (1973); *Idéologie et théorie des signes* (1971).

⁶ Tradução nossa para o trecho original: « dont le programme n'a pas été encore suffisamment développé ».

- Greimas, Algirdas Julien.
2014. *Sobre o sentido II*. Trad. Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Nankin/EDUSP.
- Greimas, Algirdas Julien.
2014. *A soupe au pistou* ou a construção de um objeto de valor. In: Greimas, Algirdas Julien. *Sobre o sentido II*. Trad. Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Nanquin Editorial e EdUSP.
- Greimas, Algirdas Julien.
1976. *Maupassant: la sémiotique du texte*. Paris: Seuil.
- Greimas, Algirdas Julien.
1993. *Maupassant: a semiótica do texto: exercícios práticos*. Trad. Teresinha Oenning Michels e Carmen Lúcia Cruz Lima Gerlach. Florianópolis: EDUFSC.
- Greimas, Algirdas Julien.
1989. Débat entre Greimas et Ricœur. In: HÉNAULT, Anne. *Le Pouvoir comme passion*. Paris: PUF. pp. 195-216.
- Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph.
1979. *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris: Hachette.
- Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph.
2008. *Dicionário de Semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et alli. São Paulo: Contexto.
- Greimas; Algirdas Julien; Fontanille, Jacques.
1991. *Sémiotique des passions. Des états de choses aux états d'âme*. Paris: Seuil, 1991.
- Rastier, François.
1987. *Sémantique interprétative*. Paris: PUF.
- Rastier, François.
1994. *Sémantique pour l'analyse*. Paris: Masson.
- Rastier, François.
1997. Les fondations de la sémiotique et le problème du texte. Questions sur les Prolégomènes. In: Zinna, Alessandro (éd.). *Hjelmslev aujourd'hui*. Turnhout : Brépols. pp. 141-161.
- Rastier, François.
2008. Entretien sur les théories du signe et du sens - réponses à Peer Bundgaard [En ligne]. *Texto!*, vol. XIII, n. 3. Disponible sur: http://www.revue-texto.net/docannexe/file/1735/bundgaard_rastier.pdf
- Rastier, François.
2010. *La mesure et le grain*. Paris: Champion.

Dados para indexação em língua estrangeira

Ablali, Driss

The interaction of corpus, text and genre in *Sémantique structurale*

Estudos Semióticos, vol. 13, n. 2 (2017)

ISSN 1980-4016

Abstract: *This paper uniquely focuses on the specificity of the semiotic project supported by Greimas' Structural semantics : in short, the project of this book, which has to be distinguished from the rest of the work of the semiotician, is a founding gesture, both epistemological and heuristic, based on three descriptive categories: text, genre and corpus, which open the perspective, not of a text or discourse semiotics, but the one of a corpus semantics.*

Keywords: *semiotics ; structural semantic ; text ; genre ; corpus*

Como citar este artigo

ABLALI, Driss. Corpus, texto e gênero em interação em *Semântica estrutural*. *Estudos Semióticos*. [online], volume 13, n. 2 (edição especial). Editores convidados: Waldir Bevidas e Eliane Soares de Lima. São Paulo, dezembro de 2017, p. 88-95. Disponível em: (www.revistas.usp.br/esse). Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 26/04/2017

Data de sua aprovação: 30/06/2017
